

## **PATRIARCALISMO E IDENTIDADE DE GÊNERO: O PAPEL DAS MULHERES NA ETNIA PEPEL**

Urcelina Coro Nanque

Orientador: Carlos Subuhana

### **RESUMO**

Este artigo explora a sociedade patriarcal da etnia Pepel, situada na Guiné-Bissau, destacando as dinâmicas de gênero que moldam as relações sociais e culturais dessa comunidade. A etnia Pepel, que representa uma parcela significativa da população guineense, preserva uma estrutura social patriarcal, onde os homens ocupam posições de autoridade, enquanto as mulheres exercem papéis essenciais, porém subordinados, especialmente nas esferas domésticas comunitárias. As práticas culturais, transmitidas predominantemente por meio da oralidade, incluem rituais e normas que reforçam a divisão de papéis entre os gêneros. Embora as mulheres desempenhem funções centrais em cerimônias como o Yanda Kabas e o Katandera, elas enfrentam restrições expressivas em áreas como educação, propriedade e participação política. Esses rituais, embora representem a preservação da cultura, perpetuam a dependência feminina dentro da estrutura social tradicional. O artigo analisa os desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto, abordando como as tradições influenciam as relações de poder e os papéis de gênero. Além disso, investiga as transformações em andamento e reflete sobre as possibilidades de construção de uma sociedade mais equitativa, onde as mulheres possam alcançar maior protagonismo e participação, sem desvincular-se de suas raízes culturais. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, oferece perspectivas sobre mudanças sociais e de gênero na Guiné-Bissau.

**PALAVRA-CHAVE:** Guiné-Bissau; etnia pepel; patriarcado; papel da mulher

### **INTRODUÇÃO**

A Guiné-Bissau é um pequeno país localizado na costa ocidental da África, reconhecido por sua rica diversidade cultural e natural. Faz fronteira ao norte com o Senegal, e a leste e ao sul com a República da Guiné (conhecida como Guiné-Conacri), enquanto sua costa oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Além do território continental, o país abriga o Arquipélago dos Bijagós, composto por cerca de 80 ilhas, muitas das quais preservam ecossistemas únicos e tradições culturais autênticas. (Cá, 2008)

O território da Guiné-Bissau abrange uma área total de 36.125 km<sup>2</sup>, de acordo com Augel (2007). No entanto, devido a fenômenos naturais, como a erosão costeira e a inundação de áreas baixas, apenas 24.800 km<sup>2</sup> são habitáveis. Essas restrições

geográficas, combinadas a fatores socioeconômicos, exercem grande impacto na distribuição da população e nas principais atividades econômicas do país, como a agricultura e a pesca.

Apesar de seu território reduzido, a Guiné-Bissau abriga uma impressionante diversidade étnica e cultural. Com cerca de 1,5 milhão de habitantes, o país é lar de dezenas de grupos e subgrupos étnicos, cada um com suas próprias línguas, tradições e práticas culturais. Essa riqueza de heterogeneidade é um dos traços mais marcantes da nação, mas também traz desafios importantes para a promoção da coesão social e o desenvolvimento de políticas públicas verdadeiramente inclusivas.

Entre as principais etnias da Guiné-Bissau, destacam-se, os Fula, que representam cerca de 28,5% da população, seguidos pelos Balanta (22,5%), Mandinga (14,7%), Pepel (9,1%) e Manjaco (8,3%). Cada um desses grupos enriquece de forma única a identidade cultural do país, seja por meio da música, da culinária, das religiões tradicionais ou de seus sistemas sociais característicos. (INE, 2023)

A etnia Pepel, que representa 9,1% da população guineense, é uma das mais expressivas da Guiné-Bissau, com uma rica herança cultural profundamente enraizada em suas tradições. Essas tradições moldam não apenas suas estruturas sociais, mas também as dinâmicas de poder dentro das comunidades. Historicamente, os Pepel destacam-se por sua forte ligação com a agricultura e a pesca, atividades que sustentam suas comunidades e reforçam uma organização social onde os papéis são claramente definidos por gênero. Nessas comunidades, prevalece um sistema patriarcal, no qual os homens ocupam as posições de maior autoridade e responsabilidade, enquanto as mulheres desempenham papéis indispensáveis, mas em posições subordinadas, tanto na esfera doméstica quanto comunitária. (Cá, 2023)

O patriarcado na sociedade Pepel está profundamente enraizado em valores e práticas ancestrais, transmitidos por tradições orais, rituais e normas culturais. Segundo Pires (2013), 'essas ações tradicionais da etnia Pepel são passadas de geração em geração, onde o não dito se faz compreender pela cultura da oralidade. Nos momentos rituais, transcende-se a oralidade para um conhecimento profundamente tradicional'. Dentro desse sistema, as mulheres, apesar de serem pilares fundamentais na manutenção das famílias e comunidades, enfrentam restrições significativas, como acesso limitado à educação, à propriedade e à participação em decisões importantes. Além disso, práticas como o casamento precoce, a poligamia e o pagamento de dotes são comuns, reforçando a dependência feminina em relação aos homens.

A escolha de pesquisar sobre a sociedade patriarcal da etnia Pepel e as questões de gênero na Guiné-Bissau reflete um interesse pessoal em compreender as dinâmicas culturais e sociais que moldam as relações entre homens e mulheres nesse contexto específico. Esse interesse surge da necessidade de explorar como as tradições ancestrais influenciam as estruturas de poder, os papéis de gênero e as oportunidades de inclusão e participação feminina na comunidade. Além disso, essa motivação pessoal está diretamente ligada ao fato de eu pertencer a essa etnia.

Nesta sociedade, os papéis e poderes de homens e mulheres são claramente separados, seguindo tradições ancestrais. Embora a estrutura geral seja patriarcal, as mulheres ocupam uma posição central em diversos aspectos culturais e sociais. Elas são responsáveis por cerimônias e práticas rituais exclusivas, das quais os homens não participam. Esses rituais e instituições de caráter matriarcal desempenham um papel essencial na preservação das tradições e na manutenção da coesão comunitária.

Um exemplo significativo na sociedade Pepel é o sistema parental, transmitido por via materna. Nesse sistema, as mulheres não apenas garantem a continuidade da linhagem, mas também assumem responsabilidades sociais e culturais de grande importância. Elas desempenham papéis essenciais em rituais como a *Yanda Kabas*<sup>1</sup> e a *Katandera*<sup>2</sup>, além de contribuições nos casamentos, que simbolizam a ligação entre os valores ancestrais e a organização social contemporânea. As mulheres são vistas como guardiãs das tradições e agentes de transformação social.

Este artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, baseada em textos que abordam o tema. O objetivo é analisar a sociedade patriarcal da etnia Pepel, destacando como as questões de gênero se manifestam nesse contexto. Além disso, busca-se explorar os desafios enfrentados pelas mulheres Pepel e as transformações em andamento, trazendo à tona perspectivas para a construção de uma sociedade mais equitativa na Guiné-Bissau.

---

<sup>1</sup> Yanda Kabas significa “o lugar dos ancestrais” ou “a casa dos espíritos”. Trata-se de um espaço sagrado na comunidade Pepel, onde são realizados rituais ligados aos antepassados, cerimônias tradicionais e decisões importantes da coletividade. É um lugar de respeito, memória e ligação espiritual com os que já partiram, mantendo viva a herança e os valores da etnia

<sup>2</sup> Katandera, na cultura da etnia Pepel da Guiné-Bissau, é uma prática tradicional que se refere a um tipo de rito de iniciação feminina, ou seja, katandera marca a passagem da menina para a vida adulta e envolve ensinamentos culturais, morais e sociais. Durante esse ritual, as meninas são retiradas da convivência cotidiana por um período e orientadas por mulheres mais velhas da comunidade sobre comportamentos esperados, responsabilidades femininas e valores tradicionais. Após esse processo, elas são consideradas preparadas para o casamento e para assumir deveres de adultas dentro da sociedade

## A HISTORIOGRAFIA DA ORIGEM DA ETNIA PEPEL

Os Pepel são um grupo étnico da Guiné-Bissau, cujo nome possui diversas explicações com base na tradição oral e na história. Entre eles próprios, costumavam se autodenominar Ba-Sáu, Basháu ou Basão (Ensháu), um nome associado a uma das sete djorsons que compõem sua estrutura social. Os Balantas, por sua vez, também passaram a chamá-los de Ba-Sáu, relacionando o termo a um evento histórico de confronto entre os dois povos. De acordo com a tradição oral, durante uma batalha em Bissau, os Pepel derrotaram os Balantas, eliminando quase todos os guerreiros inimigos. Apenas um sobrevivente conseguiu retornar à sua aldeia e, ao ser questionado sobre o paradeiro de seus companheiros, respondeu que haviam sido exterminados pelos Ba-Sáu. Desde então, os Balantas começaram a usar essa denominação para se referir aos Pepel, reforçando essa narrativa. (Garrafão, 2017)

A relação entre os Pepel e os Biafadas é permeada por histórias tradicionais. Em Pikil, uma aldeia localizada em Biombo, há uma crença de que, quando os Pepel realizam cerimônias com sacrifício de animais, o sangue desses rituais aparece simultaneamente na terra dos Biafadas, em Quinara. Da mesma maneira, quando os Biafadas realizam seus rituais, os Pepel percebem sinais desse evento em Pikil. Essa crença reforça a ideia de uma conexão profunda entre os dois povos, transmitida por gerações.

Outra explicação para a origem do nome “Pepel” está associada à resistência contra a cobrança de impostos pelos colonizadores portugueses. Segundo relatos, os Pepel recusavam-se a pagar tributos sobre suas terras, alegando que eram os verdadeiros donos do território e que os portugueses, na verdade, deveriam pagar. Como forma de protesto, frequentemente iam ao posto do chefe português levando documentos e expressando sua insatisfação. A persistência dos Pepel chamou a atenção dos colonizadores que, ao vê-los chegar novamente, exclamavam: “Lá vêm os papéis!”. Esse apelido, relacionado às suas reclamações, eventualmente deu origem ao nome “Pepel”, que na língua crioula passou a ser “Pepelis”.

De acordo com estudiosos como Garrafão (2017) e Pinto (2009), a sociedade Pepel possui uma organização hierárquica e vertical. Seu território tradicional abrange a ilha de Bissau e é subdividido em sete clãs, cada um com lideranças próprias.

Odete Semedo (2010) diz que os portugueses pagaram tributo aos régulos papéis até finais do século XIX, altura em que impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos. Segundo a autora, o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e sempre que recebiam a notificações de pagamento, levavam o ‘o papel’ diretamente à administração, reclamando serem eles filhos do chão (terra) e por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam: “aí vêm os homens do papel!”. E o nome ficou. Quem passou essa informação para Odete Semedo foi a sua tia Maria Nank, uma das suas informantes. Na língua local (papel) esse grupo se autodenomina ussau; os papéis de Biombo se autodenominam yum. (ODETE SEMEDO, 2010, apud, GARRAFÃO, 2017, p. 33,).

Dentro dessa estrutura, destacam-se posições de grande relevância, como os régulos, os chefes de tabanca e os chefes de morança, que desempenham papéis essenciais na administração e na preservação da ordem social. Essa organização hierárquica também se manifesta em outros grupos étnicos próximos aos Pepel, evidenciando a complexidade e a riqueza de suas tradições sociopolíticas.

Os Pepel integram uma sociedade guineense marcada pela diversidade religiosa, composta por três principais grupos: muçulmanos ou islamizados, cristãos e seguidores das religiões tradicionais africanas. Entre estes últimos, destacam-se os Brâmes, que preservam crenças e práticas espirituais profundamente conectadas à ancestralidade e à natureza. Essa religiosidade, característica da África tradicional, distingue-se das influências religiosas trazidas pelo contato com os europeus e do contexto da África moderna. As normas e os rituais dessas crenças refletem uma visão de mundo única, enraizada na relação com os espíritos, os ancestrais e as forças da natureza, diferenciando-se significativamente das religiões abraâmicas adotadas por outros segmentos da população.

Edward Wamala (2004) traz contribuições valiosas para compreender estruturas sociopolíticas e culturais no contexto africano, muitas vezes destacando aspectos ligados à liderança tradicional e à relação entre valores ancestrais e modernidade.

Como chefe de clãs totêmicos, Kabaka também era chefe da atividade religiosa na tribo. Note-se aqui que a religião se centrava em torno dos cultos de deuses (Bakatonda), ancestrais (emizimu), e espíritos (emisambwa). Enquanto as pessoas comuns invocavam tais seres para resolver problemas pessoais, o Kabaka invocava-os em nome do Estado, para assegurar suporte sobrenatural na guerra, ou então afastar catástrofes naturais. ,(p.2).

Baseando-se nas ideias de Edward Wamala (2004), é possível observar que ele frequentemente destaca a relevância das lideranças tradicionais e da interseção entre

valores ancestrais e modernidade em sociedades africanas. No contexto dos Pepel, essas contribuições ajudam a compreender como as estruturas hierárquicas e os sistemas de governança tradicionais, como os régulos e chefes de tabanca, desempenham papéis centrais na administração da comunidade e na preservação das práticas culturais.

Além disso, a análise de Wamala pode ser aplicada ao debate sobre a coexistência de práticas patriarcais com sistemas matriarcais simbólicos, como ocorre nos rituais e cerimônias lideradas por mulheres Pepel. Essa dualidade reflete a complexidade do equilíbrio entre tradição e mudança social. A abordagem de Wamala é útil para explorar as maneiras como esses elementos tradicionais podem dialogar com desafios modernos, como a inclusão de mulheres nas tomadas de decisões e a busca por equidade de gênero.

Djalo (2013) explica que a religião vai além de uma simples crença, sendo definida como um conjunto de práticas culturais e sociais que une pessoas que compartilham a fé em um ser superior, capaz de resolver problemas individuais e coletivos. Além disso, a religião pode ser interpretada como uma crença em um ser sobrenatural que orienta tanto os indivíduos quanto a sociedade.

A religião, conforme destacado por Djalo, apresenta uma estrutura que pode ser comparada a sistemas políticos e familiares, onde conselheiros desempenham um papel central, orientando normas e lideranças. Essa organização sociopolítica é baseada em relações de parentesco, com o poder de decisão centralizado nessas conexões.

No caso dos Pepel, sua organização social e política está intrinsecamente ligada às linhagens familiares, representadas por um conceito conhecido como *djorson*. Cada uma das sete linhagens do grupo está associada a um clã, que por sua vez é simbolizado por um animal, cujo nome se torna o sobrenome dos membros do clã. Djalo ressalta que essa relação entre linhagem e animais reflete uma conexão profunda com a natureza, que molda a identidade dos membros de cada clã.

O estudo foca na sociedade Pepel, predominante na região de Biombo, caracterizada por uma estrutura patriarcal e patrilinear. Nessa sociedade, os homens ocupam posições de liderança tanto na família quanto na comunidade, enquanto a organização social é sustentada por tradições e práticas culturais que reforçam a autoridade masculina e a subordinação feminina.

De acordo com Pinto (2009), os Pepel do Biombo possuem uma sociedade hierarquicamente organizada, onde posições como régulo (chefe tradicional), chefe de tabanca (aldeia) e chefe de morança (família extensa) são tradicionalmente ocupadas por homens. Essa estrutura patriarcal é sustentada pela patrilinearidade, na qual a

descendência e a herança são transmitidas pela linha masculina, consolidando o domínio masculino nas esferas de poder.

Apesar disso, as mulheres desempenham papéis fundamentais como Katanderas, atuando como líderes religiosas, curandeiras e mediadoras sociais. Elas são responsáveis por rituais espirituais, práticas de cura tradicional e aconselhamento comunitário. O extenso conhecimento das Katanderas sobre plantas medicinais e ritos espirituais as torna indispensáveis para o bem-estar coletivo. Mesmo em um contexto patriarcal, onde os homens dominam as decisões políticas e econômicas, as Katanderas conquistam respeito por sua sabedoria e habilidades em intermediar conflitos. Elas frequentemente são procuradas para resolver disputas familiares e orientar as mulheres mais jovens na convivência comunitária.

Nanque (2023) destaca que, embora inseridas em um contexto patriarcal, as mulheres Katanderas desempenham funções sociopolíticas e espirituais significativas na sociedade Pepel. Elas atuam como líderes religiosas, curandeiras e mediadoras sociais, sendo responsáveis por práticas espirituais e culturais que fortalecem a coesão da comunidade. Contudo, sua influência raramente ultrapassa o âmbito religioso, permanecendo fora das esferas políticas dominadas pelos homens.

Apesar de sua limitada participação política formal, as Katanderas continuam desempenhando um papel essencial na preservação da cultura Pepel. Elas resistem à marginalização de seus conhecimentos por meio da tradição oral, transmitindo saberes ancestrais às novas gerações. Além disso, algumas se engajam em movimentos sociais e associações femininas, buscando ampliar sua voz e contribuir para a inclusão feminina na sociedade guineense.

## **OS DESAFIOS DAS MULHERES NA SOCIEDADE PATRIARCAL DA ETNIA PEPEL: TRADIÇÃO, PODER E PAPÉIS DE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU**

As sociedades africanas, de modo geral, são profundamente influenciadas pelas tradições, e a etnia Pepel não foge à regra. A divisão de papéis baseada no gênero é uma característica marcante da cultura Pepel, onde os homens ocupam tradicionalmente posições de liderança política e religiosa, enquanto as mulheres assumem responsabilidades no âmbito doméstico e produtivo, especialmente na agricultura e no comércio. De acordo com Ki-Zerbo (1997), as mulheres africanas sempre

desempenharam um papel central nas atividades econômicas, mas a estrutura patriarcal restringiu seu acesso ao poder formal e à tomada de decisões.

No contexto da Guiné-Bissau, Spínola (2003) aponta que as normas sociais continuam limitando a participação feminina em espaços políticos e educacionais, perpetuando desigualdades de gênero. Contudo, as mulheres Pepel têm desenvolvido estratégias de resistência, como a criação de redes de apoio comunitário e associações femininas, que fortalecem sua autonomia dentro das estruturas tradicionais.

Entre as mais de 30 etnias presentes na Guiné-Bissau, os Pepel se destacam por suas tradições culturais e modos únicos de organização social. Apesar disso, as mulheres dessa sociedade enfrentam desafios significativos decorrentes das normas patriarcais, que restringem suas oportunidades de educação, autonomia econômica e participação política.

As tradições profundamente enraizadas nas sociedades africanas, incluindo a etnia Pepel, moldam as estruturas de poder e os papéis de gênero. Assim como em muitas outras comunidades africanas, o patriarcado define os espaços ocupados por homens e mulheres, delimitando suas funções e oportunidades. Nesse contexto, as mulheres enfrentam desafios significativos para alcançar a equidade, sendo frequentemente subordinadas a normas culturais que restringem sua autonomia e participação nas decisões comunitárias. Como observa Oyèwùmí (1997), as estruturas coloniais e pós-coloniais muitas vezes reforçaram as desigualdades de gênero.

A divisão do trabalho, fortemente influenciada pelos costumes ancestrais, reflete essa dinâmica. Enquanto os homens, em geral, são responsáveis pelas decisões políticas e econômicas, as mulheres assumem tarefas domésticas e de cuidado familiar, o que limita suas oportunidades de acesso à educação e ao mercado de trabalho formal, perpetuando ciclos de dependência econômica e subordinação.

No caso da sociedade Pepel, a divisão do trabalho segue normas patriarcais que atribuem responsabilidades distintas a homens e mulheres. Segundo Ki-Zerbo (1997), a organização tradicional do trabalho nas sociedades africanas baseia-se na complementaridade dos papéis de gênero, onde cada grupo desempenha funções essenciais para a sobrevivência comunitária. Os homens geralmente realizam atividades que exigem maior deslocamento e força física, como a preparação da terra, construção de moradias, caça e pesca, além de ocupar posições de liderança política e religiosa.

Por outro lado, as mulheres desempenham um papel fundamental na manutenção da estrutura familiar e econômica. De acordo com Spínola (2003), elas são as principais responsáveis pelo cultivo de alimentos de subsistência, como arroz e hortaliças, bem

como pelo processamento e comercialização desses produtos. Atividades como a produção de óleo de palma e farinha de mandioca são exemplos de sua contribuição essencial para a economia familiar e comunitária.

Como argumenta Oyèwùmí (1997), em muitas sociedades africanas, as mulheres assumem papéis estratégicos na economia doméstica, mas sua contribuição frequentemente é invisibilizada pelas normas patriarcais. Apesar desses desafios, o trabalho das mulheres Pepel continua a ser indispensável para o bem-estar e a coesão da comunidade.

Na sociedade Pepel, o mercado é tradicionalmente um espaço ocupado por mulheres, que não apenas realizam atividades comerciais, mas também fortalecem redes de sociabilidade e laços comunitários. Como observa Bourdieu (2002), o capital social e cultural desempenha um papel crucial na manutenção das estruturas de poder, e as mulheres utilizam esses espaços para fortalecer sua autonomia financeira e social.

Embora as tarefas desempenhadas por homens e mulheres pareçam complementares, a divisão do trabalho impõe desafios significativos às mulheres. O acúmulo de funções, como o trabalho agrícola, o cuidado dos filhos e as responsabilidades domésticas, reduz suas oportunidades de acesso à educação e participação política. Segundo o UNICEF (2021), muitas meninas deixam a escola precocemente devido às demandas domésticas e ao casamento precoce, perpetuando um ciclo de desigualdade de gênero.

As mudanças econômicas e sociais contemporâneas têm gerado uma reconfiguração das dinâmicas de gênero na etnia Pepel. A migração masculina para centros urbanos em busca de trabalho sobrecarregou as mulheres, que passaram a assumir uma maior responsabilidade na economia familiar. Esse fenômeno, identificado também por Ki-Zerbo (1997), ilustra como a urbanização tem impactado a redistribuição de tarefas de gênero em várias comunidades africanas.

Além disso, práticas tradicionais, como o casamento precoce, continuam a comprometer o desenvolvimento educacional e profissional das mulheres Pepel, forçando-as a abandonar seus estudos para assumir responsabilidades conjugais e maternas. A poligamia, ainda praticada em algumas comunidades, reforça a dinâmica de poder masculina e dificulta a emancipação feminina.

O poder na sociedade Pepel está tradicionalmente concentrado em homens mais velhos, que possuem autoridade sobre a comunidade. No entanto, como argumenta Bourdieu (2002) em sua teoria da dominação simbólica, as mulheres encontram formas

de exercer influência mesmo em contextos patriarcais. Líderes comunitárias e anciãs, por exemplo, desempenham papéis importantes na transmissão de valores culturais e têm voz ativa em decisões familiares.

Apesar das barreiras estruturais, as mulheres Pepel têm mostrado resistência e protagonismo na busca por direitos e oportunidades. Movimentos sociais e organizações femininas desempenham papéis essenciais na promoção da educação e do empoderamento econômico. Embora ainda limitado, o envolvimento feminino em espaços de liderança está crescendo, impulsionado por ativistas e políticas de gênero promovidas por organismos locais e internacionais.

A luta por equidade de gênero na sociedade Pepel é um processo complexo, que requer um equilíbrio entre modernidade e tradição. A educação emerge como uma ferramenta essencial para romper ciclos de opressão e abrir novas perspectivas para as mulheres. Assim, a construção de uma sociedade mais justa e igualitária depende do reconhecimento da importância do papel feminino em todos os setores da vida comunitária, promovendo mudanças que respeitem a cultura, mas que garantam direitos e oportunidades para todos.

Na Guiné-Bissau, o acesso à educação tem desempenhado um papel crucial na transformação dos papéis de gênero. De acordo com o UNICEF (2021), programas de alfabetização para jovens e adultos têm possibilitado maior participação feminina em diferentes esferas da sociedade. Apesar desses avanços, desafios persistem, como o casamento precoce e a sobrecarga de trabalho doméstico, que impedem muitas mulheres de concluir sua formação escolar e conquistar independência financeira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da sociedade patriarcal da etnia Pepel evidencia que as relações de gênero estão profundamente enraizadas em estruturas socioculturais que regulam os papéis e o status de homens e mulheres. O patriarcado, enquanto sistema normativo, não apenas define as dinâmicas familiares e comunitárias, mas também exerce influência sobre o acesso a recursos, à educação e à participação política das mulheres nesse contexto.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que, apesar das limitações impostas pelo sistema patriarcal, as mulheres Pepel desempenham um papel essencial na preservação das tradições e na economia local, sobretudo por meio do trabalho agrícola e das redes de

solidariedade comunitária. No entanto, suas contribuições frequentemente não recebem o devido reconhecimento, reforçando a necessidade de um debate mais amplo sobre a equidade de gênero e os direitos das mulheres dentro da etnia.

Transformações sociais contemporâneas, impulsionadas por políticas educacionais, processos migratórios e a influência de organismos internacionais, têm gerado questionamentos sobre o modelo patriarcal vigente. A crescente inserção de mulheres na educação e no mercado de trabalho, assim como o acesso a espaços de decisão, demonstra uma reconfiguração gradual dos papéis de gênero, ainda que esse processo enfrente resistências culturais significativas.

Diante desse cenário, é imperativo aprofundar os debates sobre os desafios e as oportunidades para a equidade de gênero entre os Pepel. Políticas públicas que promovam a alfabetização e a capacitação profissional das mulheres podem desempenhar um papel crucial para fortalecer sua autonomia social e econômica. Além disso, é necessário expandir o diálogo entre tradição e modernidade, permitindo que a cultura Pepel se desenvolva sem perder sua identidade, mas garantindo que os direitos das mulheres sejam respeitados e promovidos.

Por fim, este estudo sublinha a importância de pesquisas futuras que investiguem de forma mais aprofundada as interseções entre cultura, patriarcado e gênero no contexto das etnias da Guiné-Bissau. Compreender essas dinâmicas pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na promoção da equidade, assegurando que todas as pessoas, independentemente do gênero, possam participar plenamente da construção social e econômica de suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

AUGEL, M. P. O desafio do escombro: nação, identidade, pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CÁ, Lourenço Oconi. **A constituição da política do currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado**. Cuiabá: EdUFMT; CAPES, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, Estatística do gênero. Guiné-Bissau. 2023.

CÁ, Monteiro; ARMANDO, Boiné. O poder tradicional no contexto de etnia pepel de biombo na Guiné-Bissau. 2023.

DJALÒ, Tcherno: O Mestiço e o Poder, Identidade, Dominações e Resistências na Guiné. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Veja, 2013.

Garraão, Yolanda Victor Monteiro. ontem m'pili (menina), hoje neguine (mulher casada): a percepção das mulheres da etnia papel sobre o casamento tradicional (k'mari) na guiné-bissau. 2017. 48p. trabalho de conclusão de curso (bacharelado em humanidades) unilab, redenção/ce, 2017.

NANQUE, Adelino. Mulher Katandera: protagonismo sociopolítico e espiritualidade. 2023.

OYÈWUMÍ, Oyèrónké. The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PIRES, Inaida, Em convite: a performatividade no casamento da etnia Pepel da Guiné-Bissau. Blog: O que você faz com a sua língua, 7 ago. 2013. Disponível em: <https://oquevofazcomasualingua.blogspot.com>. Acesso em: 16 de Jan 2025.

PINTO, Paula, Tradição e Modernidade na Guiné-Bissau: Uma Perspectiva Interpretativa do Subdesenvolvimento. Porto, Outubro de 2009.

SPÍNOLA, Márcia. Gênero e poder na Guiné-Bissau. Bissau: INEP, 2003.

UNICEF. Relatório sobre a alfabetização de jovens e adultos na Guiné-Bissau. 2021.

WAMALA, Edward. governo por consenso: uma análise de uma forma tradicional de democracia. in: wiredu, Kwasi (ed.). a companion to african philosophy. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell, 2004, p. 435- 442. tradução para uso didático por Luan William Strieder. disponível em <http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm>. acesso em 09 de outubro de 2018. pelas 11:37. disponível em <http://www.guine>

KI-ZERBO, Joseph. Educação e democracia na África. São Paulo: Cortez, 1997.